

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA LEITURA

INFORMATION AND READING MEDIATION

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior¹
Sueli Bortolin²

Resumo:

As discussões sobre mediação da informação, no âmbito da Ciência da Informação (CI), embora entendidas como necessárias, ainda se realizam de forma embrionária. Baseado nessa concepção, o trabalho conceitua mediação da informação e mediação da leitura – a partir das reflexões e resultados obtidos nos projetos e subprojetos de pesquisa pelo Grupo “Interfaces: informação e conhecimento” – e, em um segundo momento, apresenta o entendimento dos autores em relação à leitura. A importância da informação e da leitura para a CI e na formação dos profissionais da informação também é motivo de análise, com a defesa da leitura como um dos principais – ou o principal – aspectos presentes no fazer do profissional da área. O trabalho foca, em seguida, o ato de ler e o de compartilhar a leitura dele decorrente. Afirmam os autores que os espaços informacionais não privilegiam a interação e a relação entre os leitores, impossibilitando um possível e desejável “colégio invisível” entre os usuários desses locais. Finaliza com a reiteração da tese, defendida em outros textos, de que a mediação da informação, mais do que a própria informação, deve ser vista e considerada como objeto – ou como núcleo epistemológico – da área da CI.

Palavras-chave: Mediação da informação; Mediação da Leitura; Informação; Leitura; Ciência da Informação; Profissional da Informação.

Abstract:

Although discussions on Information mediation in the scope of Information Science (IS) are recognized as necessary, they are still carried out in a very early stage. Therefore, information and reading mediation is defined, based on reflections and results obtained firstly from research projects and subprojects of the Group "Interfaces: informação e conhecimento" (Interfaces: information and knowledge) – and secondly by presenting the authors' understanding of reading. It is analyzed the importance of information and reading to the Information Science as well as for the information professionals' qualification, favoring reading as one of the most important aspects for the professionals' performance. This work also focuses on the act of reading and the importance of sharing this reading. The authors state that the information environments do not privilege the interaction and the relationship among readers, hindering a possible and desirable "invisible school" among users of these places. It concludes restating that information mediation, more than the information itself, must be seen and considered as an object – or else as an

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL)

² Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Key-words: Information Mediation; Reading Mediation; Information; Reading; Information Science; Information Professional.

1 INTRODUÇÃO

Gostaríamos de iniciar essa conversa destacando os “personagens” fundamentais no processo de leitura. Aparentemente o maior responsável é o autor, mas sendo o leitor o co-autor de um texto, ele também tem a mesma responsabilidade que quem o escreve. Percebemos que, em geral, responsabiliza-se o escritor pelo desempenho do ato ler (“escreve muito difícil”, “não sabe organizar as idéias”), mas esquece-se de que o leitor é tão responsável quando o escritor na contextura de um texto, devendo a ele, mais concretamente dar “existência” ao mesmo.

Por exemplo, cabe ao leitor ter a iniciativa de promover encontros “cruzando” os textos que habitam o seu interior com aqueles existentes ao seu redor; porém quanto mais imaturo o leitor, mais precisará de um outro “personagem” no processo de leitura, que denominamos de mediador de leitura.

Defendemos que esse “personagem” é um colaborador na construção de um leitor, mas percebemos que ele nem sempre valoriza essa construção. No entanto, suas ações propiciam a interação texto-leitor, e isso é imprescindível, pois ele tem o encargo de encaminhar o leitor às novas descobertas e aventuras.

Nesse texto, abordaremos com maior intensidade o bibliotecário-mediador, lembrando que é necessário levar a leitura a diferentes espaços, fazendo com que a biblioteca cumpra uma de suas principais funções – incentivar a leitura -, abrindo espaços para que todos os indivíduos (nas diversas faixas etárias) sintam-se “desejosos” de ler sempre.

Ler de maneira pluralizada, sem preconceitos, podendo ser um texto: simples, complexo, permitido, proibido, sensual, erótico, informativo, científico, acadêmico, crítico, político, filosófico, ingênuo, religioso, sério, engraçado, de devaneio de lazer, popular, erudito, escrito, falado, imagético, fílmico, cênico etc.

Dessa forma, o mediador terá a possibilidade de interferir eticamente no cotidiano do cidadão, fomentando o seu “desejo” e a sua necessidade de ler e de buscar informação, para que ao construir o seu conhecimento ele, conseqüentemente construa a sua vida.

A proposta inclui trazer subsídios a todos os que, de uma forma ou de outra, estejam envolvidos e/ou interessados na formação de leitores e na otimização do uso de bibliotecas e demais unidades de informação.

2 CONCEITO DE MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Apesar de todas as discussões e debates atuais, ainda se entende a disseminação da informação como um mero acesso físico ao documento, ao suporte da informação. A importância, ou melhor, a exagerada e exacerbada importância dada a esse suporte, aproxima-se das concepções que entendiam o livro como sinônimo do próprio conhecimento, como sinônimo da verdade. O conhecimento não só estava inserido, implícito, imbricado com o livro, como, e principalmente, era o livro.

Historicamente, a área da Biblioteconomia enfatizou o caráter preservacionista de seus equipamentos. A dicotomia “disseminação x preservação” sempre pendeu para o lado da última, como se as bibliotecas existissem como meros repositórios, ou melhor, armazéns, ou melhor ainda, depósitos de livros. Como estes não eram alocados em porões, mas nos espaços nobres das bibliotecas, tais espaços foram se moldando, tomando o perfil, parecendo-se com porões. Estantes atingindo o teto, pouca iluminação, poeira, livros amontoados em prateleiras cheias (alguns livros guardados na horizontal, ironicamente contradizendo as normas de preservação de materiais), espaços imensos e amplos (lembrando templos e uma quase proposital relação com a religião, com “O Livro”), o silêncio imposto (como que afirmando que a apropriação do saber, do conhecimento dá-se apenas individualmente, nos escaninhos das reflexões isoladas; como que reforçando a idéia presente no individualismo do livro e da leitura oriunda das bibliotecas das primeiras universidades). Essa imagem, talvez um pouco estereotipada, apresenta um espaço que se fez porão, que se fez depósito. Nele, basta a acomodação do material, o inútil silêncio dos suportes fechados, o triste marasmo dos lugares pouco freqüentados.

A idéia de preservação pode ser dividida em dois grandes segmentos: a preservação do documento e a preservação do conhecimento. Cada um deveria ser analisado mais profundamente. No entanto, intencionamos aqui apenas reafirmar a concepção por nós defendida de que o suporte era entendido como algo formado, indissolúvelmente, pelo objeto físico e pelo conteúdo. Assim, é fácil entender a obsessão em preservar o documento, pois dessa forma, se estaria preservando o conhecimento da humanidade.

A posse do documento, a partir dessa concepção, seria confundida com a posse do conhecimento. Historicamente, assim foi. Essa é uma das razões – e uma justificativa inconsciente –, nas guerras, da obsessão em saquear as bibliotecas ou destruí-las. Como troféus, acompanhariam o retorno dos guerreiros, os livros e, em conseqüência, o conhecimento e o saber do inimigo derrotado.

Da mesma forma, a construção de bibliotecas suntuosas representaria a busca pela manutenção não só do conhecimento e do saber de um determinado povo, mas a sua própria existência.

A infrutífera busca pela biblioteca única, que abrigasse todos os livros publicados no mundo, em igual medida, indicaria de maneira não explícita a tentativa de possuir todo o conhecimento humano e mantê-lo em seu espaço, como forma de dominação intelectual, científica, filosófica, cultural, ideológica.

As bibliotecas pessoais e particulares, independente do nível econômico das pessoas e famílias que as possuem, demonstrariam a ânsia em se apropriar do conhecimento, mesmo que “armazenado”, quase sempre precariamente, nas estantes da sala ou do quarto. O conhecimento poderia ser conseguido pela compra e ser apoderado pela família, disponibilizado aos filhos estudantes e abertamente exposto aos visitantes. Todos os que vivem sob o teto que abriga essa biblioteca, assim, se igualariam aos outros na medida em que, de uma forma ou outra, deteriam o conhecimento humano. Os filhos possuiriam as condições necessárias para acender a um novo patamar econômico e social, uma vez que o conhecimento é reconhecido como elemento imprescindível para isso.

Apesar de voltada para o coletivo – frisado no discurso – a preservação isola, individualiza, elitiza. O conhecimento preservado nos livros pode ser apreendido por alguns, ousamos dizer, poucos: aqueles que possuem condições mínimas para isso, ou seja, são alfabetizados e têm condições de decodificar adequadamente o texto escrito e seu conteúdo.

A preservação permite que se mantenha o conhecimento, as idéias dos homens. No entanto, as idéias que ficaram são aquelas que puderam ser registradas. Nem todo pensamento, nem todo conhecimento humano foi registrado. O conhecimento herdado é basicamente aquele proveniente dos alfabetizados, dos que possuíam condições mínimas para se apoderar do conhecimento da época. Preservou-se uma concepção de mundo: a dos vencedores. Mantiveram-se as verdades dos que se saíram vencedores das guerras do passado. Mantiveram-se as

verdades dos que, independentemente da forma, determinaram os destinos e os rumos da humanidade a partir de seus cargos, suas posses, seus poderes. É deles a forma como o mundo foi contado, foi explicado, foi entendido. Em verdade, algumas concepções de mundo é que foram mantidas.

Não se está aqui negando o valor do que foi preservado, nem se está negando o pensamento do homem ou minimizando sua história. Esta não é uma questão para se lidar com um foco maniqueísta: ou se preserva ou não se preserva. Mas, e isso é notório, preserva-se predominantemente o pensar, os conceitos, as idéias, as concepções, os valores, as ideologias de quem possui o poder de construir e manter “templos do saber”, de quem possui o próprio poder.

A preservação não pode ser discutida isoladamente, sem a perspectiva da disseminação. Estão elas dialeticamente imbricadas. O mesmo vale para a disseminação: não pode ser vista e entendida sem a preservação.

Historicamente, empregou-se o termo disseminação, talvez porque nele estivesse presente a concepção de que o fazer do profissional bibliotecário atrelasse a mera oferta de materiais, a entrega de suportes que possam atender a uma determinada demanda informacional. A própria palavra disponibilizar, hoje largamente empregada na área, estrutura-se na idéia de que a função do profissional da informação é a de tornar disponível informações para os usuários. Outros termos, de menor uso entre os profissionais da área, também evidenciam essa idéia: oferecer, transferir, veicular, divulgar.

Defendemos aqui, opostamente ao que foi exposto, o conceito de mediação substituindo não só o termo disseminação, mas, e em especial, o seu significado.

Em pesquisa sobre esse termo, conceituamos preliminarmente a mediação da informação como “toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural, individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

Ao contrário da disseminação, a mediação não está restrita apenas às atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional da informação, em todo o fazer desse profissional. A mediação está presente, de maneira não explicitada, na seleção, na escolha dos materiais que farão parte do acervo da biblioteca, em todo o trabalho de processamento técnico, nas atividades de desenvolvimento de coleções e, também, no serviço de referência

e informação. Presente em todas essas ações, a mediação faz parte do próprio objeto da área de informação. Especificamente, em relação à área de Ciência da Informação, o seu objeto passaria a ser mais a mediação do que a informação.

Nessa perspectiva, a mediação da informação pode ser dividida em: explícita e implícita. A primeira dá-se nas atividades fins dos equipamentos informacionais, principalmente no chamado Serviço de Informação e Referência (preferimos essa expressão no lugar da comumente empregada, Serviço de Referência e Informação, buscando privilegiar a palavra Informação). A outra, mediação implícita ocorre nas atividades meio, como a aquisição, o processamento técnico, etc.

Entre os pontos que consideramos importantes no conceito de mediação da informação, destaca-se a concepção de interferência. Como resultado dos dados levantados, do contato e análise da literatura e das discussões e debates realizados no projeto de pesquisa que idealizou o conceito, uma certeza ficou evidenciada: a de que as ações do profissional da informação não são neutras, não são imparciais e resultam sempre em uma interferência. Esta se contrapõe à idéia de isolamento, passividade. O espaço informacional se constitui ao mesmo tempo como objeto e sujeito da história, do destino da sociedade. É objeto, pois recebe influências e é sujeito em todos os momentos em que influencia, em que interfere. A unidade informacional não é um espaço isolado, ilhado, alheio e isento de interferências. Todas as transformações sociais, de uma ou outra forma, influem e exigem posturas e mudanças tanto do espaço informacional, como dos que nele atuam e dos serviços implantados e oferecidos.

O profissional da informação, mesmo buscando a imparcialidade – e sabendo que ela nunca será alcançada – deve se preocupar com a relação muito próxima entre interferência e manipulação. Esta, sim, deve ser totalmente abolida das ações do profissional, embora no trabalho cotidiano, mesmo que inconscientemente, todo o profissional está sujeito a se defrontar com ela em seu fazer. A linha que separa a interferência da manipulação é extremamente tênue. Apesar disso, o profissional da informação deve procurar o difícil equilíbrio sobre essa linha.

A interferência no fazer do profissional da informação nega a postura, enfaticamente defendida, de que esse profissional é passivo, subserviente,

destituído de uma atitude pró-ativa, sem iniciativa, que apenas contribui, auxilia e apóia.

O profissional da informação, assim, passa a ser entendido em uma outra esfera, em um outro estrato profissional, o daqueles que fazem história, são sujeitos na sociedade e participam efetivamente da construção do destino da humanidade.

3 CONCEITO DE MEDIAÇÃO DA LEITURA

Há anos, não sabemos determinar exatamente quantos, vivemos “à cata de” conceitos de mediação de leitura. Nada mais prazeroso do que consultar velhos dicionários em busca de novidades. Outro dia de posse de um envelhecido Silveira Bueno³, descobrimos em suas amareladas páginas que um mediador pode ser também chamado de **medianeiro** ou **mediatário**. Rapidamente saímos “a cata de” outras informações, dessa vez consultando um dicionário eletrônico⁴; nada mais rápido do que consultar novos dicionários em busca de novidades. Nele descobrimos que: *eiro* vem do latim *ariu*, sendo a pessoa que “exerce certo ofício, profissão ou atividade” e, *tário*, também de origem latina - *tariu* que é quem “recebe, ou tem o benefício, o gozo, ou a responsabilidade de”, nesse caso específico, de intervir nas escolhas de leitura de um determinado grupo.

Em síntese, podemos dizer que medianeiro, mediatário ou mediador é todo profissional que tem a responsabilidade de acompanhar um leitor durante a sua formação ou mesmo depois de formado (na medida em que a formação é contínua) quando em dúvida ou desencorajado, solicita uma sugestão.

Micheletti (2002, p. 19) ao se referir a ação do professor em sala de aula, afirma: “para tornar-se um verdadeiro mediador entre o texto e os alunos, [é necessário] que ele se abstenha de seu papel de guardião do saber, sem abdicar, contudo, de sua condição de leitor mais maduro”. A mesma solicitação pode ser feita ao bibliotecário, desejamos que ele “saia de trás do balcão”, aproxime-se do leitor e troque com ele leituras.

A inexperiência de sujeito-leitor por parte do bibliotecário, muitas vezes, tem provocado, certa insegurança no momento da mediação. Ressaltamos, porém que

³ SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1979.

⁴ HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio século XXI: versão 3.0**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

se trata de uma tarefa mais simples do que pode imaginar esse profissional (sem deixar de ser de grande responsabilidade).

Um dos aspectos principais é que, assim como os pais e professores, o bibliotecário é um modelo a ser seguido. E isso não é apenas na faixa etária inicial da vida do indivíduo. Discurso sem prática é inútil.

Outro aspecto a ser considerado é a realização de atividades voltadas a leitura, para isso uma das características principais do bibliotecário é de um profissional aberto e disposto a buscar nas mais variadas áreas do conhecimento subsídios para uma atuação voltada as necessidades dos usuários.

4 IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO E DA LEITURA

O conceito de leituras nas últimas décadas tem se alterado substancialmente, hoje além do leitor

espectador, do cinema, televisão e vídeo. A essa multiplicidade, mais recentemente veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica, o leitor da escritura que, do papel, saltou para a superfície das telas eletrônicas, enfim, o leitor das arquiteturas líquidas da hipermídia, navegando no ciberespaço (SANTAELLA, 2007, p. 1).

Mas, apesar disso, a leitura – talvez, entre outros motivos, em função da aceitação e reprodução de conceitos que entendem a informação como mercadoria – foi relegada a segundo plano entre os interesses e preocupações do profissional da informação. A Ciência da Informação é hegemonicamente entendida como voltada apenas para as informações científicas e tecnológicas. A informação cultural, por exemplo, não é objeto dessa ciência, como também não o é a leitura.

O que defendemos aqui é o oposto dessa concepção hegemônica. Acreditamos que a leitura é o principal fazer do profissional da informação e em conseqüência, deve ser motivo de reflexão, debate e discussão no âmbito da Ciência da Informação. Ela, leitura, deve ser considerada como parte intrínseca do processo de apropriação da informação.

Sobre esse tema, Almeida Júnior afirma:

Defendo, ao contrário, que a leitura está no cerne da apropriação da informação. Esta não existe a priori, não existe antecipadamente; por ser

intangível, não concreta, ela apenas se concretiza no processo de mediação. Por ser intangível, a informação precisa do documento para ser veiculada e apropriada. A informação também é disforme, moldando-se ao acervo de conhecimentos de quem a procura. Assim, o documento permite a comunicação da informação. Por sua vez, a decodificação desse documento, o decifrar de sua linguagem, enfim, a leitura é que possibilitará sua apropriação. Denomino o processo que vai da comunicação, via documento, até a transformação do conhecimento de uma pessoa, de mediação da informação. Assim pensando, as áreas da Ciência da Informação e da Biblioteconomia não armazenam, organizam ou processam a informação, mas uma possível informação, uma informação latente, uma informação potencial ou, como passei a denominar, uma proto-informação. A leitura é realizada a partir do acervo de conhecimentos de cada pessoa. Cada leitura, dessa forma, é individual, diferente de outra leitura, pois não pode prescindir dos referenciais de quem a realiza. A exemplo da informação, a leitura não existe a priori, se concretizando no processo de mediação. No entanto, a mediação da leitura faz parte da mediação da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p.44).

A leitura, dentro do exposto, é imprescindível para a Biblioteconomia e para a Ciência da Informação. Sem elas, essas áreas passam a lidar com um objeto utópico. “Desconsiderar a leitura ou entendê-la como de menor importância, pertencente a um campo tradicional e sem espaço nas demandas contemporâneas, é decretar a inviabilidade daquelas duas áreas” (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 44).

Por fim, cabe reafirmar que estamos em um momento em que a discussão, o debate e as reflexões sobre a área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia são imprescindíveis, em especial em relação ao seu objeto.

5 COMPARTILHAMENTO DO ATO DE LER

Nas aulas do curso de Biblioteconomia, em que estamos envolvidos constantemente, somos solicitados a falar a respeito das atividades que um mediador de leitura pode/deve desenvolver em diferentes espaços. A resposta em geral é longa, pois se trata de um assunto “apaixonante” e na nossa avaliação prioritário. Procuramos relatar as diversificadas ações realizadas no exercício da profissão, aquelas que a literatura em diferentes áreas apresenta; além de propor idéias que não foram vivenciadas, mas com potencial de realização.

Essas conversas têm um efeito positivo. Vale destacar que não nos limitamos apenas a narrar experiências. É fundamental sugerir leituras e enfatizar o que consideramos fundamental na mediação – a partilha do que foi lido com os nossos mediandos. E esse compartilhamento acompanhado de uma cumplicidade

(mesmo quando existem divergências na leitura) é uma “receita” perfeita para a permanência ou aparecimento do gosto pela leitura.

Vale lembrar que o ato de compartilhar não é apenas fazer circular textos de leitura, pelo contrário, o bibliotecário deve ser cúmplice efetivo e afetivo do leitor, se dispondo a discutir e trocar idéias a respeito do que lêem.

As experiências de mediação de leitura em diferentes espaços, entre eles: sala de aula, cursos diversificados e atividades da ONG de Leitura Mundoquelê têm demonstrado constantemente a eficácia dessa postura.

6 OBJETO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A literatura da área de Ciência da Informação e de Biblioteconomia apresenta a informação como seu objeto não só de estudo como de trabalho. Os profissionais, em conversas informais ou em textos relatando experiências ou idéias, também indicam a informação como preocupação prioritária de seu fazer. Partindo dessa premissa, é possível supor que tanto a preservação quanto a disseminação – uma vez que ambas atuam tendo como base a informação – estão presentes no trabalho e nas atividades desenvolvidas nos equipamentos informacionais. Entretanto, o discurso da área aponta para a informação como seu objeto. Sendo mais específico: a informação registrada. Na prática, a informação é merecedora de pouca atenção quando o foco de ação é a disseminação.

Utilizando os conceitos de mediação que estamos propondo, a informação é centro de interesse no âmbito da mediação implícita, o mesmo não ocorrendo na mediação explícita. No atendimento do usuário, como é facilmente observável, os espaços informacionais – a biblioteca em especial – não contam com profissionais formados e preparados para exercer os trabalhos exigidos e requisitados pelos serviços fins. Qualquer um pode atuar nos setores que lidam diretamente com o público, demonstrando, assim, que a afirmação feita acima por nós, não se afasta da realidade.

Na mediação implícita, ao contrário, não só se afirma a necessidade das atividades serem desenvolvidas por um profissional preparado e formado para tal, como também se defende a impossibilidade, a inviabilidade da existência de espaços informacionais sem a presença desse profissional. Além disso, o discurso

ênfatiza a informação com sendo o núcleo de ação dos trabalhos realizados no processamento técnico dos equipamentos informacionais.

Em outros trabalhos afirmamos que a prática desenvolvida nos serviços técnicos das bibliotecas aponta para um núcleo de interesse diferente do enunciado no discurso dos profissionais que atuam nesses espaços. A análise do fazer e do que está subjacente no discurso, oral ou escrito, desses profissionais permite inferirmos que o objeto de interesse não é a informação, mas mantém-se vinculado ao suporte informacional.

De há algum tempo, a partir das pesquisas que realizamos e das reflexões oriundas delas, propomos a discussão em torno de um novo objeto, ou núcleo epistemológico, para a área da Ciência da Informação. Esse objeto seria a mediação da informação. Não a informação em si, mas a sua mediação. Em sendo assim, muitas das ações que desenvolvemos poderiam ser abarcadas e aceitas como presentes, específicas e afeitas à área. As informações virtuais ou eletrônicas, por exemplo, por terem um caráter efêmero, têm seu vínculo com a área questionado, pois seu registro é provisório e sua recuperação não se dá a partir exclusivamente do interesse dos usuários. Outro tipo de informação que possui seu vínculo com a área questionado é a informação cultural, uma vez que ocorre em momentos marcados, determinados e não é registrada. Introduzimos essa discussão, não com o intuito de desenvolvê-la aqui, mas com a intenção de contribuir com o tema que escolhemos para este trabalho.

7 LEITURAS CONCLUSIVAS

Querer ter idéias conclusivas a respeito da leitura é uma postura arriscada, visto que é grande o número de profissionais envolvidos com essa tarefa e uma pluralidade de suportes que veiculam textos são criados a cada dia impossibilitando um consenso. Portanto, o mais cauteloso que um pesquisador sério deve fazer é persistir em suas investigações apontando novas abordagens.

Dos homens das cavernas com suas gravações rupestres nas paredes às modernas exibições de imagens a laser nos céus das grandes cidades, há uma gama de estruturas textuais e comunicacionais a serem ainda estudadas, sem dizer da parafernália resultante das iniciativas tecnológicas.

“A verdade é que o bibliotecário não sabe lidar com a linguagem das mídias não escritas, das mídias que não lidam com a palavra” (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 36). E é emergencial essa auto-educação, ou seja, o profissional precisa adquirir conteúdos que possam não apenas “alfabetizá-lo” para outras linguagens, mas torná-lo versátil de forma a ter segurança no momento de mediar a leitura e a informação, nesse novo contexto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Implicações entre formação e objeto da área de informação. VII ENCUESTRO DE DIRECTORES, 8. Y ENCUESTRO DE DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA Y CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR, 6. 30 de agosto a 01 de setembro de 2004, Mar del Plata, Argentina. **Anais...** Mar del Plata, 2004. Publicação em CD-ROM.

_____. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 2007. 168p. p.33-45.

_____. Mediação da informação. In: FADEL, Bárbara (Org.). **A informação nas organizações sociais: desafios em face de multiplicidade de enfoques**. Marília: Fundepe Publicações, 2003. (CD-ROM).

_____. Profissional bibliotecário: um pacto com o excludente. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004. p.70-86. (Estudos avançados em Ciência da Informação, 3).

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio século XXI: versão 3.0**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.). **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **A leitura fora do livro**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm>>. Acesso: jun. 2007.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1979.